



LITERATURA DE ESTRANHAMENTO: QUANDO NÓS SOMOS OS “OUTROS”

Marcos Roberto Saez Guardia¹

José Drailton da Silva²

Ketiley Christine Maidana³

Danielle Priscilla dos Reis⁴

Izabele Joana Silva Nogueira⁵

O CONFESSIONÁRIO

Marcos Roberto Saez Guardia

Todos nós podemos ir ao confessionário, quantas vezes forem necessárias, ou julgarmos conveniente. No confessionário todos podem se confessar, desabafar e contar tudo que quiserem, quando tudo confessam, sentem que foram absolvidos, seus pecados perdoados, têm uma sensação de imaculados. No confessionário ouvimos muitos lamentos mas também declarações de alegria. Muitos ao chegarem ao confessionário falam, choram, reclamam, é um lugar democrático, espaço onde tudo é possível, pobres ricos e remediados têm o mesmo direito e o mesmo valor, é claro que isto é uma abstração porque as pessoas não são iguais, elas são diferentes entre si, mas lá elas têm o mesmo peso e as mesmas possibilidades, justificando assim essa condição democrática do confessionário. Nele as pessoas podem falar à vontade, não existe distinção nem preferência por raça ou cor, árabes, turcos, judeus, africanos, chineses,

¹ Discentes do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia - UFMT

² Discentes do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia - UFMT

³ Discentes do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia - UFMT

⁴ Discentes do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia - UFMT

⁵ Discentes do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia - UFMT



alemães, ingleses, pretos, brancos, amarelos, são todos iguais, gozam das mesmas oportunidades. Lá se aceita pessoas de todos os credos religiosos: muçulmanos, cristãos, budistas, umbandistas todos podem falar, podem orar e agradecer a Deus, seja ele Alá, Maomé, Moisés, Krishna, Jesus, não existe distinção, todos são bem recebidos.

Lá não há hora marcada para se falar, não há tempo determinado para se falar, ao contrário, pode-se dizer que o tempo lá é ilimitado ou até mesmo infinito, inclusive esta condição talvez tenha contribuído significativamente para alterar de forma definitiva a nossa noção de tempo, a noção de tempo das pessoas. Tudo está alterado. Agora temos a impressão de que o dia tem 48 horas, mas é um ledô engano pois ele continua com 24 horas. Esse é um dos grandes problemas da atualidade, a perda da noção do tempo. Quando chegam ao confessionário as pessoas se separam do mundo, da realidade e é isto que favorece a perda da noção de tempo. Já existem hospitais com ambulatórios especializados para este tipo de doença. Sim é uma doença moderna, há médicos, psiquiatras e psicólogos prontos para estudar as causas e os sintomas desta doença: a perda da noção de tempo do homem moderno. Há relatos impressionantes de pessoas que passam dias sem comer ou beber apenas para se confessar. Já ocorreram vários casos em que pais e mães abandonaram seus filhos à própria sorte para se dedicar exclusivamente ao confessionário, acarretando a morte de várias crianças por desnutrição.

Quando estão no confessionário as pessoas se sentem livres, mas na verdade isto é uma ilusão, uma falsa liberdade; pois quando estamos no confessionário todos sabem que estamos lá, nada é escondido. Ao contrário somos o tempo todo vigiados, monitorados e assistidos, nada do que fazemos passa despercebido já que no confessionário existem muitas câmeras, sim estamos na era das câmeras, elas estão em todos os lugares a nos vigiar. Como é possível se falar em liberdade em um território como este, onde tudo que fazemos é assistido por alguém? Mas é justamente essa ilusão de liberdade que nos aliena. Somos prisioneiros sem sabê-lo e contudo nos sentimos livres, pensamos estar em pleno gozo de nossas liberdades quando na verdade estamos alienados. Marx foi um dos pensadores que estudou muito esta questão da alienação do homem moderno. Está doente mas não se dá conta disso.



No confessionário, como todos podem falar, muitas vezes falam aquilo que não deveriam. O confessionário afeta as pessoas e muitos se julgam filósofos, cientistas políticos, psicólogos, antropólogos, jornalistas quando na verdade muitas vezes não sabem nem se expressar, muitos mal sabem ler e escrever, mas como têm o direito falam o que lhe dão na telha. Todos falam sobre tudo, coisas absurdas são ditas, mas julgam estar profetizando sabedoria. Aqueles que não tinham voz, não eram ouvidos, eram ignorados; agora podem falar no confessionário. Foi Alexis de Tocqueville, grande intelectual francês do século XIX o primeiro a perceber esta característica na democracia, ela não tem papas na língua. Porque votamos, achamos que por isso somos capazes de emitir opinião sobre tudo. Triste engano.

No confessionário almas solitárias são acolhidas, aconselhadas, orientadas, afagadas e passam a sentir melhor e por isso não saem de lá. Quando saem não tardam a voltar e passar longas horas se confessando e falando, chorando muitas vezes, outras vezes se expressam aos berros para garantirem que serão ouvidos, pobres almas. A ilusão é tão grande que muitas vezes se sentem felizes mesmo quando não encontraram a tal da felicidade.

Somente quando saem do confessionário e vão às ruas é que as pessoas passam a sentir aromas, novos cheiros, diferentes daqueles da reclusão; tasteiam objetos diversos já que quando estão se confessando têm um número limitado de objetos à sua disposição e isto acaba limitando a percepção do seu tato.

Antes os confessionários não tinham muita importância mas agora o local que não tiver um destes é desprezado e com o passar do tempo vai ficando cada mais isolado da população. Todos querem se confessar e isto gerou uma indústria e comércio milionários que movimentam fortunas por todo o globo. Muitos países estão prosperando em função desta verdadeira febre.

Com todas estas mudanças ocorrendo países ricos vão ficando cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres, pois o capitalismo não perde a oportunidade de expandir seus ganhos e negócios onde quer que seja. Isto acentua a diferença entre os países hegemônicos (EUA, Inglaterra, França etc.) e os países periféricos, entre o



hemisfério norte e o hemisfério sul do planeta. Toda moda é muito bem recebida pelas grandes empresas que sempre se aproveitam para aumentarem seus lucros.

Antes as pessoas se confessavam em casa ou no trabalho, agora isto pode ser feito nas ruas, no metrô, trem ou ônibus e está é mais uma forma de ganho de grandes empresas multinacionais que fabricam diversos tipos de ferramentas próprias ao uso no confessorário.

O confessorário se tornou um grande negócio mundial, mas infelizmente o homem está sendo novamente desprezado e posto em segundo plano, paradoxalmente sua solidão aumenta proporcionalmente ao aumento do número de pessoas com as quais se relaciona. Tem centenas e até milhares de amigos e seguidores mas muitas vezes não é ouvido e não encontra ninguém realmente de confiança para dizer algo mais íntimo. O homem precisa encontrar urgentemente maneiras efetivas de conectar o homem real a outro homem real.



MODUS VIVENDI DOS SORIELISARB

José Drailton da Silva

*Os termos "Modus Vivendi" tem sua origem no latim "Modus" quer dizer modo, maneira, atitude, caráter; "Vivendi" quer dizer viver. Juntos, modus vivendi insinua uma acomodação na disputa entre partes para permitir vida em conjunto. Aqui fazemos uso dos termos para fazer alusão à configuração social e a maneira como vivem os Sorielisarb, pessoas que vivem num país chamado Lisarb, povo latino americano cuja dimensão geográfica é continental, de sorte a fazer fronteiras com vários outros países: **Guiana Francesa:** 655 km de fronteira; **Suriname:** 593 km de fronteira; **Guiana:** 1.606 km de fronteira; **Venezuela:** 1.492 km de fronteira; **Colômbia:** 644 km de fronteira, situada totalmente no território do estado do Amazonas; **Peru:** 2.995 km de fronteira; **Bolívia:** 3.126 km de fronteira; **Paraguai:** 1.339 km de fronteira; **Argentina:** 1.263 km de fronteira; **Uruguai:** 1.003 km de fronteira.*

Segundo estatística feita por uma conceituada instituição que foi criada para fazer levantamento e avaliação da natalidade e mortalidade bem como avaliar a maneira como se organiza esse povo nas variadas regiões do seu território, instituição conhecida entre eles pela sigla EGBI, Os Sorielisarb tem hoje uma população de 205.748,325 (duzentos e cinco milhões, setecentos e quarenta oito mil, trezentos e vinte cinco habitantes), vivem numa região extremamente privilegiada cercada por mares, que além da beleza exuberante tem vida suficiente para alimentar, e ainda serve de via de transporte e espaço de lazer; não sendo pouco, o território dos Sorielisarb é trançado por gigantes rios, cujos afluentes se espalham fertilizando, gerando vida e provendo condições de vida por onde passa.

Em seus relevos e montanhas encontram-se desde as mais caudalosas às mais singelas cachoeiras; e o que dizer da sua flora e fauna que encantam com suas



variedades de espécies em suas riquíssimas e diversificadas formas, contornos, cores e fragrâncias. Os Sorielisarb também foram privilegiados pelas variedades e tipos de solos em toda sua extensão, solos férteis, como muito bem disse um dos seus visitantes estrangeiro: "terra que em se plantando tudo dá". Além disso, a região dos Sorielisarb é também muito rica em minerais e petróleos uma das suas fontes de renda.

A nação Solierisarb, por apresentar uma grande dimensão territorial, possui uma vasta diversidade cultural. Os visitantes estrangeiros, a população nativa e os escravos negros que vieram de muito longe foram os primeiros responsáveis pela disseminação cultural no Lisarb. Em seguida, os imigrantes italianos, japoneses, alemães, árabes, entre outros, contribuíram para a diversidade cultural do Lisarb. É de consenso entre os antropólogos que aspectos como a culinária, danças, religião são elementos que integram a cultura de um povo. As regiões do Lisarb apresentam diferentes peculiaridades culturais, cada região com suas expressões formando um grande, belo e criativo mosaico cultural, por meio dos variados ritmos musicais e danças que vão das clássicas às mais populares.

A religiosidade dos Sorielisarb é muito plural, uma boa parte se confessa cristã católica, outra cristã reformada ou evangélica, outras espíritas, outras umbandistas, entre outras. Por ser muito místico, grande parte do povo, apesar de se declarar pertencente a uma instituição religiosa que se distingue de outras em suas formas doutrinárias, na busca pelo sagrado e na expectativa de serem atendidos pela divindade em todas as suas necessidades, e diga-se de passagem, que muitas vezes não parecem bem necessidades, mais caprichos e anseios que mais parecem expressar a vaidade e o desejo de consumo de muitos desse povo. Os Sorielisarb se mostram bem sincréticos e abertos a todas as formas de religiões, participando inclusive de seus cultos e rituais.

A culinária dos Sorielisarb é rica, saborosa e diversificada. Cada uma das suas regiões tem seus pratos típicos, preparados de acordo com antigas tradições, que são transmitidas a cada geração. Os temperos, as misturas e os diversos ingredientes somados à criatividade desse povo resulta em pratos maravilhosamente cheirosos e saborosos sejam com carnes bovina, suína, caprina; sejam com aves, com frutos do mar,



com sementes, legumes, verduras; sejam com massas e molhos, sejam com frutas e raízes; em geral sejam doces ou salgados a culinária dos Sorielisarb reuni elementos que faz dela uma das expressões gastronômicas mais notável que pude conhecer.

Na sua formação miscigenada os Sorielisarb apresentam um fenótipo que reúne traços fisionômicos de pessoas pertencentes a vários povos do mundo: Asiáticos, africanos, europeuse americanos em geral. Em função dessa gênese alguns Sorielisarb são vermelhos, outros pardos, outros negros, outros brancos e até ruivos. As mulheres desse povo são muito belas, charmosas, elegantes e entre outros dotes; muitas delas destacam-se pelo molejo e gingados em suas danças culturais, outras pelos dotes culinários e artísticos, mas também muitas delas tem ocupado espaços no mercado formal como executivas, professoras, vendedoras, motoristas; também tem ocupado espaço nas instituições públicas exercendo funções políticas nos cargos de baixo e alto escalão até o mais alto posto do governo.

Há cada quatro anos os Sorielisarb elegem aqueles que serão os seus líderes para governar uma pequena região, líderes para governar regiões maiores e líderes para governar todo povo, com a participação de outros líderes eleitos com o fim de preservar as leis já estabelecidas pelo povo, criar novas leis em favor do povo, votar e decidir assuntos de interesses comuns. Embora esses líderes tendo sido povo, eleito pelo povo para cuidar do bem comum, o que se percebe nesses líderes Sorielisarb é que a maior parte deles apesar de ganharem excelentes salários e terem muitos benefícios para o exercício da liderança, ainda assim, desviam quantidades exorbitantes do dinheiro público para si e para os seus. Não obstante repetidas e comprovadas ações corruptas por parte desses líderes, como que num comportamento masoquista o povo Sorielisarb continua votando nos mesmo líderes para seu governo.

Como resultado da incompetência e da corrupção dos governantes do povo Sorielisarb existem uma discrepância no modus vivendi socioeconômico, e portanto uma gritante diferença de classes, uma hercúlea injustiça social. Alguns tem tanto dinheiro, tantos bens e riquezas que nem sabe o que fazer, muitos tem o mínimo necessário para sobreviver e outros nem tem o que comer. Alguns moram em belos



palácios e mansões outros em morros, em palafitas e alguns vivem nas ruas e dormem no chão. Confesso que foi muito difícil conviver com este povo tão rico e farto de tantos bens, com tantos sobejando enquanto alguns padecem de tantas necessidades. Porém, preciso dizer como de uma forma estranha os mais pobres Sorielisarb brincam, fazem piadas e riem de suas próprias misérias. Esses são os Sorielisarb, um povo muito rico, porém ainda muito pobre.



O LEGADO

Discente: Ketiley Christine Maidana

Ao abrir os olhos, eles estavam lá, parados ao meu lado carinhosos e preenchidos de ternura e sorriam brandamente para mim. Um deles alcançou-me e entre os seus braços, me aninhou carinhosamente. O outro sorria alegremente e logo se juntou ao nosso abraço.

Fui crescendo e sendo criado com muito amor e carinho por eles. Cada vez que temia sair do lar, eles viam e me davam forças para que não temesse o que estava me esperando.

Foi assim por muito tempo.

E quando finalmente criei forças, sai numa velocidade incrível, era assustador, mas era emocionante sentir a liberdade de se sentir vivo.

O vento, o som, a natureza, tudo era espetacular.

Apesar de ter aprendido a ser livre ainda precisava aprender a me defender. Ambos me ensinaram a nunca confiar em nada que fosse diferente de nós. Ninguém queria o nosso bem, pelo menos era isso que foi me ensinado. Com a leveza de meu corpo era praticamente incrível como podia desviar rapidamente de diversos perigos.

Certa vez estava andando sobre aquele chão de terra, havia algumas partes duras, não sei realmente do que se tratava aquilo, mas era frio. Todas as vezes que pisava nele dava pulinhos para sair rapidamente dali. Quando não havia um lago, rio ou alguma água sobravam às pequenas poças que se alocavam pelo chão logo após chover. E naquele dia eu descí ao chão, no alto estava coberto pelas folhas do pé de acerola, então havia pequenos raios de luz transcendendo por meu caminho.

Ao final dele, lá estava a pequena poça de água.

Aquilo era uma maravilha.

Bebi e em seguida decidi tomar um banho, pulei dentro dela e me sacudi por diversas vezes. Mas de repente os raios de luz desapareceram e o ar ao meu redor se



tornou incômodo. Virei-me vagorosamente e lá estava ele. Seus olhos ludibriados como se fosse algo delicioso ser degustado, seu sorriso sombrio e acima de tudo seus passos vagarosos e atentos me rodeavam.

Senti um frio na espinha.

E com um leve movimento que dei, ele saltou sobre mim, mas consegui desviar e num salto desesperado eu estava fora do alcance dele. Conseguir escapar, mas estava molhado então me balancei para o lado cá e depois para o lado de lá e sacudindo consegui me secar um pouco. Quando me sequei parti novamente.

Isso era ser livre e viver.

Com o tempo me dei conta de que me sentia alegre e eles tristes, não havia som era um interminável silêncio. Parando para pensar quando foi que ouvi algo vindo deles?

Acho que nunca.

Numa certa noite a mais bela lua cheia existente, atingiu o mais alto do céu, e dessa forma os animais se agitaram, a natureza acompanhava o ritmo, e de repente aquele silêncio que iniciou, se tornou terminável, quando um som o mais belo já ouvido percorreu por todos os lados. Foi por alguns minutos, logo ele cessou. Não sei o que era, mas estava tudo tão triste.

Eu e ele ouvimos em silêncio. E foi quando me dei conta de que estávamos somente nós e naquele momento me perguntei.

Para onde foi o outro?

Passaram-se alguns dias e nada do outro aparecer, eu parecia frustrado e ele triste, muito triste, nunca havia o visto assim.

Ah, agora percebi ele havia entregado o seu último legado.

Comecei novamente a me perguntar, se nós iríamos atingir o nosso legado dessa forma, tão fria, tão cruel e tão solitária.

Então em uma noite olhei as belas estrelas, e percebi que brilhavam mais intensamente que o normal. Os animais estavam calmos e eu estava sentado sobre o galho de uma suntuosa árvore. Tentei dormir, mas senti que algo estava diferente naquela noite.



Mas uma vez ouvi aquele som.

E antes que pudesse me dar conta, comecei a chorar de desespero e temor pela solidão. Aquilo doía tão profundamente que até mesmo estava difícil respirar. Enquanto elas brilhavam lá de cima, os animais novamente se agitaram, o vento se tornou agressivo e minha visão se tornou turva. Perdi as forças e quando me dei conta estava em cima do gramado respirando pausadamente.

Queria dormir.

No entanto despertei com a luz do luar me atingindo e foi quando me dei conta de que eles não estariam mais comigo.

Tudo estava preenchido por silêncio.

Não havia vento, natureza e som, tudo aquilo que um dia achei espetacular, agora é detestável.

Eu não tinha mais vontade de ser livre e de viver.

Aqueles momentos que mais apreciava se tornaram insignificantes.

Alguns dias depois estava sentado na mesma árvore, no mesmo galho, que era suntuosa.

Sim... Aquela.

Observei ao redor, os animais estavam alegres, a natureza se mexia de uma forma formidável, mas para mim aquilo era tão triste.

Eles não estavam ali.

Eles, que ao abrir os meus olhos, que me abraçaram, foram carinhosos e eram preenchidos de ternura, e sorriram brandamente.

Isso já não existe.

Eles que ensinaram tudo e me deixaram só.

Mas eu não sinto rancor deles, eu simplesmente, sei que nascemos para isso. Somente não esperava que fosse dessa forma.

Por que nascemos para ter um destino tão cruel?

Então me dei conta, do por que eles estavam felizes. Percebi que meu interior estava caloroso, era um sentimento diferente de qualquer coisa que já havia sentido. Quando percebi, os animais seguiam todos numa mesma direção. A natureza, de certa



forma começou a agir de forma estranha. As estrelas se alinharam numa mesmo sentindo, como uma estrada no céu da noite. As árvores se retorceram numa mesma direção e ao mesmo tempo balançaram-se soltando suas folhas. Entre outras coisas, todos iam à mesma direção.

Então também segui a mesma direção.

Quando chegamos ao topo da colina, todos os animais fizeram um círculo ao redor de uma pequena área aberta, os céus estavam acima e as árvores por de trás dos animais. Todos em silêncio me observavam parar no centro de todos.

O calor que eu sentia no meu corpo, se extravasou e antes que pudesse me dar conta, abri aquilo que nunca usei em meus dias livre e de vivência.

Ah, como era maravilhoso, nunca imaginei que pudesse soltar algo tão belo e esplêndido. Era tão lindo, que sentia uma paz tremenda ao meu redor. Comecei a bailar alegremente e a cada balanço, pequenos brilhos despencavam de minha pequena crosta. Eram coloridos e estavam repletos pelo local, tanto sobre o gramado esverdeado, como pairavam no ar. Os penachos haviam se estendido e tocavam no chão fazendo com que os brilhos fossem rebatidos e levantados para cima.

Era como um arco-íris de brilhos.

Como era lindo!

Nunca havia sido tão feliz!

Permaneci dessa forma por um tempo, até que então ergui a cabeça e vi que o vento cessou, os animais começaram a fazer todos os tipos de ruídos e as estrelas se dispersaram.

Não havia luz.

Estava escuro.

Na verdade havia os brilhos que ainda me iluminavam e foi quando percebi que elas começaram a cair, os brilhos pararam de serem rebatidos. Meus movimentos pararam e aquilo que achava tão lindo, começou a se devassar. De um modo tão triste, que por mais que tentasse não conseguia continuar.

Entrei em desespero, despencaram lágrimas, e conseguente ninguém mais poderia me ouvir, pois o meu legado chegou ao fim.



Não havia mais nada a ser feito.

Foi para isso que nasci.





A PARTIDA

Izabele Joana Silva Nogueira

Pessoas se aglomeram num ambiente gigante, existem algumas pinturas no chão em formato retangular, outro círculo e um meio círculo, em cima dessas formas geométricas, surgem alguns seres geneticamente modificados, com estaturas anormais, e tecidos enrolados sobre o corpo, praticamente todos iguais. Carregam em suas mãos uma esfera, pintada e riscadas com finos riscos pretos.

Estes seres praticam uma espécie de ritual sagrado, geralmente ficam 5 em cada lado, dividindo o retângulo ao meio, nos cantos deste local existe uma estaca altíssima, com uma placa quadrada e grudada na placa uma espécie de teia.

É obrigatório que os seres modificados geneticamente passem a esfera para seu parceiro, e assim sucessivamente, até que um dos seres consiga passar a esfera sob a teia.

O ritual dura praticamente 40 minutos, tendo seu tempo de repouso, durante esse tempo os seres se reúnem com seus mestres e ouvem o que o mesmo tem a dizer sobre as dificuldades no ritual.

Voltando aos postos iniciais, eles executam vários movimentos, que levam os anônimos ao delírio, e ouve-se sons estridentes, ruídos, sons com as palmas das mãos, anônimos enlouquecidos gritam, uns bravos, outros eufóricos, rindo, chorando, ao redor da área retangular acontece de tudo, conseguimos ver de tudo. É contagiante!

Ao redor desse espaço retangular, existem objetos sólidos, de cores variadas, depende muito de quem os criou, os anônimos que frequentam esse local, aparecem nos dias mais movimentados, ascendem-se vários pontos de luminosidade, e passeiam entre os objetos sólidos, alguns também anônimos segurando uma espécie de bloco quadrado, onde guardam-se passadio, alguns loucamente querem, gritam esse anônimo de forma que chame atenção do mesmo, ao se encontrarem pede o que deseja. Isso é constante, durante a estadia de todo esse povo, neste local.



Em alguns pontos existem anônimos sentados, segurando suas carruagens, onde em troca das nuvens de algodão, branquinhas, ele recebe um tesouro. Geralmente, os minis seres ao colocarem essas nuvens na boca, sentem um gostinho salgado, e saboroso, leve e macio como a nuvem mesmo.

Para acompanhamento, pedem um líquido de cores variadas, líquido que vem numa espécie de flandres, com sabor diversificado, vai do gosto do cliente. O pessoal adora!

Em outro canto, há também uma carruagem com uma brisa mais quente, toda enlatada, com variedades de guloseimas, algo muito procurado é o ohlim e a atatab, que vem sempre como acompanhamento do saboroso ánam, que continha dentro de si uma matéria cozida de cor avermelhada, para alguns muito saborosa.

Ao colocar essa matéria no ánam, insere também o ohlim e a atatab, e tudo o que tiver na carruagem e o que o cliente pede, em troca disso entrega-se o tesouro.

Voltando para a área retangular, ouve-se músicas, vozes, passos, sons diversos. Os anônimos que passeiam pelos blocos, pedem também tesouros em troca de uma massa de textura dura, com corantes e sabores distintos, ao levar essa massa à boca, a pessoa saliva e a massa vai amolecendo, tornando-se uma meleca, grudenta e adocicada.

E durante todo o ritual, essas movimentações, trocas, sons, euforias, risos, choros, são tão comuns quanto qualquer outra coisa vista. Todo o ritual é examinado por uma espécie de perito, que avalia e marca todos os erros e acertos ocorridos durante os 40 minutos mais ou menos, em algumas ocasiões, uma das equipes de 5 seres, ganham uma raridade, vista somente por eles nesse local, que porventura é movimentado pela alegria dos anônimos que ali se encontram.

Ao terminar todo o processo, ritual, movimentação, seja como quiser chamar, os pontos luminosos se apagam, todos os anônimos e os seres modificados saem de cena e somem, cada um por si.



CICLO ESCOLAR

Danielle Priscilla dos Reis

Estando pela primeira vez a realizar o ritual de todos os dias, por seres em transformação, que estando ainda com pequena estatura física, são desgarrados do ser nai, para assim serem principiantes da jornada de instrução.

São levados para um caixote, onde um de seus lados possui fresta e outro não. Logo a frente nos deparamos com um enorme objeto retangular com moldura e revestimento escuro, quadrados de madeiras com braços e pernas de ferro, outros seres nunca vistos anteriormente, nesse ambiente totalmente desconhecido, alguns deles se desprendendo de sua nai, se sentem totalmente desprotegidos e inseguros.

Alguns desses seres se reagem com muitos *sotirg* e *sorohc*, outros deles sem nenhum movimento de opinião que age em sentido oposto ao que se procedeu.

Existem também os casos contrários de reação dos seres com menor estatura, que são a reação de sua nai.

Algumas nai sentem certo desalento ao se depararem diante do ensejo e flagelo, tendo elas algumas recordações de seus momentos em sua estatura menor, ao mesmo tempo tentando bafejar o seu ser.

Após esse átimo de desprendimento e secessão, a nai egressa.

Está agora o pequeno ser somente com aquele ser bem alto com voz passiva, sempre colocando a mostra seus grandes e alvos mordisques, tentando assim uma maior aproximação, acalentando e procurando conhecer a cada pequeno ser que ali está.

Procurando se aproximar, se revela dizendo sua graça e busca descobrir a graça de cada um, e em meio essa aproximação vai se “quebrando o gelo”.

Geralmente passamos 5 horas do nosso dia, as vezes mais, e durante 5 dias do hebdomadário, e obrigados a conviver com outros seres de diferentes aspectos físicos, cores de pele, cabelo, gêneros diferentes, e basicamente a mesma estatura, mesmo tamanho.



Os pequenos seres são submetidos a usarem e manusearam com certa estranheza uma barrazinha paralelepípedica de grafita em suas mãos e com movimentos sobre a obra prima dos troncos das árvores cria-se e descobrem-se vários enigmas e símbolos.

São exibidos vários enigmas que com o passar das horas, dias, meses e anos vão fazendo parte da *adiv* anfêmero.

Manuseam gosmas gelatinosas que se aderem as mãos e com ela exploramos o imaginário.

São praesentare cômputo nunca utilizados antes, estes que irão fazer parte da utilização notória e reiterado na *adiv* do ser.

Neste caixote de cor clara, clima agradável, arejado e com boa claridade, poderia até ser chamado de laboratório da construção, pois ali é apresentado ao pequeno ser um universo de descobertas, novidades e estímulo.

Tendo passado esse primeiro contato com esse novo lugar de convívio hebdomadário, muitos vão se afeiçoando ao caixote, e ao ser alto que lhes apresentam tais novidades, passando assim a sentirem anelo em voltarem no próximo cair do pôr-do-sol. O caixote nos traz prazeres de descoberta, de sonhos, de afeição e coletivização, sendo essas descobertas de suma importância para o convívio dos seres maiores.

Não ficando somente dentro do convívio do caixote, existe uma pausa para o convívio de exploração do redor dele, onde em alguns minutos os seres menores são levados para a exploração do lugar, sujeitos a quedas, lesão, atrito com outro ser menor, muitas vezes sendo motivo o folguedo, e seus penduricalhos, causando assim algum aflito passageiro com o outro ser que em todos os momentos buscar explorar mais e mais aquele lugar tão álaacre.